

“E se a modernidade estivesse do lado da Economia Solidária”

Jean-Louis Laille

Anne Salmon

A cooperativa Terra Chã é composta por uma meia dúzia de construções, algumas delas recentemente renovadas, por detrás das quais se perfilam alguns geradores eólicos e uma pedreira. Somos recebidos por António Frazão e a visita pode então começar.

O que chama desde logo a atenção é a diversidade de projectos e de realizações. O que não tem nada a ver com a mono actividade industrial que nos faz recordar o barulho de fundo dos camiões que transportam incansavelmente as pedras que alguns operários retiram da Natureza todos os dias. Um restaurante, um centro de alojamento, um centro de formação, um centro cultural, actividades agrícolas e artesanais, entre outras, estão ali reunidas e articuladas. Dão emprego e rendimento a seis trabalhadores a tempo inteiro e com contratos estáveis, para além de outros mais episódicos.

No restaurante está afixada uma oferta de emprego. A cooperativa pretende contratar um pastor. Ilhéu de resistência à modernidade, que ganha terreno como sugerem as silhuetas das antenas eólicas? Seguramente que não. O perfil deste guarda de cabras está longe de ser tradicional. Também neste caso a multi-actividade prevalece: agente de preservação do ambiente, animador turístico, agricultor, o pastor não ficará fechado sobre si próprio tendo como único horizonte as cerca de 300 cabras previstas (60 no início). O rebanho também será bastante especial. Primeiro, porque são cabras que, uma vez que se alimentam de certo tipo de plantas, vão preservar a biodiversidade, permitindo reforçar a presença de uma ave típica da região (a gralha-de-bico-vermelho), que está em vias de extinção. Depois porque os animais serão comprados por subscrição das pessoas interessadas. Mediante uma centena de euros todos podem participar na compra de uma cabra. Em troca de tal, a cooperativa oferecerá um dia de caminhada com o pastor, queijos e um repasto comunitário.

E se a modernidade estivesse do lado da cooperativa? A combinação e o cruzamento de iniciativas que António Frazão e Júlio Ricardo nos explicam contém múltiplas inovações económicas e sociais. Antes de mais, há uma conjugação de diferentes recursos: alguns são mercantis, uma vez que provêm da venda de produtos e do restaurante; outros são públicos, através, por exemplo, da possibilidade de utilização de infraestruturas públicas locais e das ajudas atribuídas às pessoas em formação; outras ainda resultam do trabalho de muitos voluntários.

O que se compreende, à medida que discutimos com todas as pessoas que encontramos, é que a cooperativa tenta uma outra forma de fazer economia. A organização do trabalho e a colaboração dos trabalhadores, dos voluntários e também dos clientes contribuem para democratizar a vida quotidiana na organização, mas também o serviço social prestado. As pessoas que beneficiam de

uma formação qualificante durante 12 ou 14 meses, segundo o nível de escolarização visado, têm também uma palavra a dizer. E algumas delas juntar-se-ão ao projecto conjunto, uma vez que todas são incitadas a imaginar novas actividades que poderão vir a ser enquadradas na cooperativa.

Uma das ideias directrizes é visivelmente a valorização e a mobilização dos recursos, das pessoas e dos espaços. O projecto luta por uma integração dos participantes, que se recusa manter fechados numa tarefa ou estatuto particular, por uma integração da cooperativa na aldeia, mas também por uma integração das dimensões culturais, económicas, sociais e ambientais. Isto passa por pequenas acções que, experimentadas e capitalizadas desde há 24 anos, produzem os seus frutos. A participação de artesãos da aldeia na renovação dos locais ocupados, a de jovens nas actividades de danças folclóricas, a de universitários, de especialistas florestais, de professores, entre outros, fazem desta cooperativa o palco de uma miscigenação cultural, mas também o lugar propício à partilha de recursos técnicos, científicos e de saberes-fazer tradicionais.

A cooperativa atribui uma importância muito particular às relações com a aldeia. Alguns pormenores o testemunham. Os dormitórios, por exemplo. Estão arrançados com camas individuais sobrepostas. Servem para os jovens, mas incitam, pelo contrário, os casais a procurar, junto dos habitantes locais, outras soluções de alojamento.

Encontrámos dois grupos em formação. Entre as pessoas presentes, várias eram da aldeia, outras da vila próxima. Esta formação é remunerada. Visa mais a inserção profissional do que a inserção social, por isso se dirige mais directamente às gentes das terras vizinhas.

Esta cooperativa de Economia Solidária assegura um desenvolvimento do território local, que alguns julgarão sem dúvida modesto. Mas, no final desta visita, o que impressiona é a durabilidade do edifício económico, social, cultural e ambiental que se constrói pedra após pedra há mais de 20 anos. O que também impressiona é a maneira como ela se integra na vida local.

Neste período de crise, em que se paga tão duramente as derrapagens do capitalismo financeiro e da economia predadora (em França são 45 000 empregos perdidos num só mês, são mais de 300 mil milhões de euros de apoio do Estado aos bancos privados), a inovação económica, tal como a desenvolvida no quadro da Economia Solidária, está necessariamente no centro dos debates do futuro.

Fevereiro de 2009